

II ENTREVISTA | Oscar Niemeyer | Arquitecto

O breve esquisso de um mestre construtor

PAULA LOBÔ

Como nunca recusa um bate-papo, o génio da arquitectura brasileira atendeu ontem o telefone do «atelier» no Rio e falou com o DN. Pretexto: «Oscar Niemeyer 2001», a retrospectiva que hoje é inaugurada em Lisboa, no Parque das Nações.

O arquitecto Niemeyer disse um dia: «Cansam-me as perguntas inevitáveis». Se fosse jornalista, como começava a entrevista? (longa pausa) Pode perguntar o que quiser. A gente está interessada em falar da vida, das coisas e também da arquitectura.

Le Corbusier disse que o senhor tinha «as montanhas do Rio nos olhos». Apesar de ser ateu, dá graças a Deus por isso?

Gostaria de acreditar em muita coisa, infelizmente não acredito em nada. A minha família era religiosa, cheia de preconceitos e era feliz. Quando saí para a vida e vi tudo tão injusto, tomei o meu caminho de protesto.

Continua a protestar?

Lógico. O que se pode fazer? É mais difícil criar um estilo próprio ou fugir à tentação de o multiplicar em cada obra?

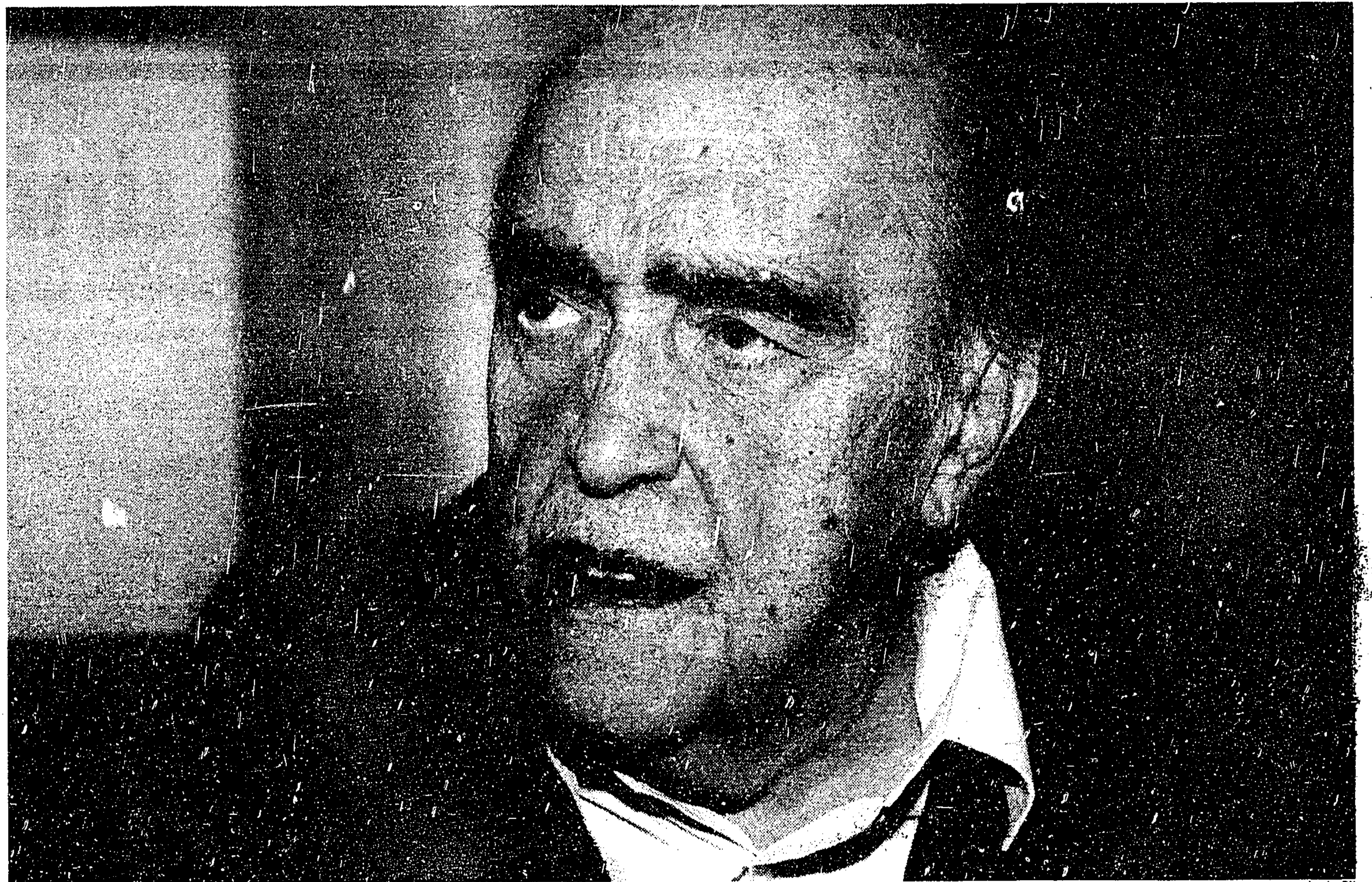
Acredito na intuição. Faço a minha arquitectura com toda a liberdade e aceito o que os outros fazem, não critico colegas. Mas se queremos fazer arquitectura como uma obra de arte, ela tem que criar espanto, surpresa.

Diz que é «apenas um desenhista», e dá mais importância à família e aos amigos. Mas vai todos os dias ao escritório...

Entre às 9.00 e saio às 21.00. Almoço no escritório, trabalho o dia inteiro e ao fim da tarde recebo os amigos. É o momento em que a gente esquece a arquitectura, conversa e pensa que ainda é um pouco jovem. Ajuda a viver.

Trabalha fechado. Quando sai, o que lhe prende o olhar?

É a vida que passa. O riso, a tristeza. Gosto de ficar sozinho, de ouvir música. Sempre disse que o arquitecto não pode sair da escola como bom profissional, tem que sair como homem que



ARTE. «Se queremos fazer arquitectura como uma obra de arte, tem que criar espanto, surpresa», diz o homem que surpreendeu o mundo com curvas de betão

leu, que olhou para o céu e viu que é pequenino. É o importante. **Que música ouve no escritório?** Gosto de tudo, até o fado. Gosto de ler Saramago. E tenho um verso de Manuel Alegre pregado na minha prancheta!

Interessa-se muito por genética e cosmologia...

Acredito muito na genética, acho que todo o mundo tem um lado bom e aceito as pessoas como são. Não somos responsáveis pelas nossas qualidades e defeitos.

Quais são os problemas que actualmente mais o preocupam?

Estão à nossa volta toda a vida: a pobreza, a injustiça, a criança nas ruas sem apoio. Nisso temos de pensar, ficamos menos bichos.

Foi criticado pelas ousadias em betão armado. Isso tornou-o mais forte ou mais teimoso?

Não leio nada sobre a minha arquitectura, não quero influência. Eu faço o que gosto.

Tem-se dedicado à escultura?

Fiz umas esculturas que estão agora na praia de Ipanema. Ficaram bem na areia. Divirta-me!

Diz que não gosta de ir a Brasília por causa do estacionamento. A perda de qualidade de vida nas cidades pode ser invertida?

A cidade deve ser multiplicável,

não crescer sem controle. O que acontece nas cidades modernas é o poder imobiliário, o lucro. As cidades vão crescendo, o tráfego desvirtua-se e fica difícil lá viver. A cidade devia multiplicar-se entre espaços vazios, com uma identidade urbana fixada.

Ainda acredita que é possível construir a «cidade do futuro»?

Temos de ser optimistas. Um dia os homens vão compreender que estão no mesmo barco.

O sonho do comunismo ainda é possível?

Acredito nele. Acredito em Marx, acredito que o povo soviético vai recuperar. O capitalismo é que está em crise, está a morrer.

Como vê a actual situação política e económica do Brasil?

Há problemas de luz, de energia, de água... Degradou-se muito, a política brasileira. Mas um dia há-de mudar. Quando a vida se degrada e a esperança sai do coração dos homens há a revolução.

Detesta festas e inaugurações, e tem um medo terrível de andar de avião. Foi por isso que não veio a Lisboa?

Na minha idade, nunca se sabe o que se vai fazer no dia seguinte. A tendência é querer ir. Gosto de Portugal e tenho lá amigos. Mas

não estou bem de saúde. Estou a recuperar de uma operação à vista. É como disse no papel que mandei: a coisa da idade.

Conhece o local da exposição, o Pavilhão de Portugal?

Não, mas sei que é um trabalho do Siza [Vieira] muito bonito. Isso é que é arquitectura.

Escreveu um livro de memórias, outro para estudantes e arriscou a ficção com «Diante do Nada».

Apetece-lhe escrever mais?

Faço tudo para passar o tempo. Gosto de ler. Diogo de Couto, Saramago. Eça é o meu livro de cabeceira, qualquer página é boa.

Qual o segredo para a sua boa forma? O amor pela beleza, pelas mulheres, pela vida?

Encontrar os amigos de verdade, fingir que sou jovem, conversar, dizer bobagens, rir, abraçar as mulheres. A vida é isso, não é?

Está feliz por os seus netos e a sua filha trabalharem consigo?

Estou muito preso à família. Isso é que me preocupa: queria continuar ao lado deles. Sou casado há tantos anos que bati os recordes. Quando estive na Europa, longe da ditadura, divertia-me com os amigos mas tinha saudades do Brasil, dos que estavam a ser perseguidos. Cómovia-me mui-

to. Há que aproveitar os momentos bons, o resto é resistir.

Entre os seus prazeres incluem-se o café e os «Davidoff»...

Gosto de fumar, ajuda a pensar. Acho que o curso de arquitectura devia ter palestras de cosmologia, de filosofia. Hoje [ontem] encontro os amigos para conversarmos sobre filosofia. Mas quando eles estão falando de Platão eu lembro-me do Fidel [Castro].

Mantém contacto com ele?

Quando vem aqui. É meu amigo e tenho muita admiração por Cuba. Mandei uma escultura para lá e disse para a porem de frente da embaixada americana! **Qual é o edifício que considera o mais belo do mundo?**

O Palácio dos Doges de Veneza. Marca o início da nova arquitectura, a leveza, o contraste de cheios e vazios. Também gosto da arquitectura portuguesa, com paredes brancas, janelas azuis, telhado sobre as varandas...

Qual dos seus projectos o deixa mais orgulhoso?

Gosto muito da Universidade de Constantine, na Argélia. Geralmente, a arquitectura é procurada. O desenho é que nos leva à arquitectura. Mas o importante é a gente fazer o que gosta.

Vida e obra de um homem que nunca deixou de protestar

■ Quando lhe chamam «o poeta do cimento armado», diz que isso é coisa de amigos. Mas admite que gosta de elogios. Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares, que o mundo conhece como Oscar Niemeyer, o arquitecto dos principais edifícios públicos e da catedral de Brasília, nasceu a 15 de Dezembro de 1907, no Rio de Janeiro. Filho de uma família muito católica (e neto de Ribeiro de Almeida, juiz do Supremo Tribunal Federal), estudou com padres mas nunca foi crente.

Já casado e com uma filha, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes e, em 1936, começou a trabalhar sob a direcção do arquitecto Lúcio Costa (que na década

de 50 projectaria a capital brasileira), numa equipa que tinha como consultor o seu mestre, Le Corbusier – que, com Oscar, integrou a equipa do projecto para a sede da ONU, em Nova Iorque, em 1947.

A Obra do Berço, no Rio, seria a primeira obra de Niemeyer (1937). Três anos depois, Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, convidou-o para elaborar o complexo da Pampulha. Casino, Casa de Baile, Iate Clube e Igreja. Nasceria então um novo tipo de arquitectura, inspirado nas formas das mulheres e dos morros, livre, ousado e acusado de falta de funcionalidade. Niemeyer, avesso ao racionalismo modernista, continuaria a explo-

rar a sua imaginação. E criou arcos e vãos cada vez mais amplos, desafiando as leis da engenharia.

Surpreendia o Brasil a cada traço, mas o regime militar começou a questionar-lhe os ideais. Filiado no Partido Comunista desde 1945 (que só abandonou «quando tiraram a foice e o martelo»), partiu para o exílio em 1964. No estrangeiro, o homem a quem os EUA negaram o visto durante 30 anos realizaria algumas das suas obras mais aplaudidas, como o Centro Cultural do Havre ou as sedes do PC francês e do jornal *L'Humanité*, em Paris, residências em Berlim e em Oxford, a Universidade de Constantine e o Zoo de Argel.



NO BRASIL. Museu de Arte Contemporânea de Niterói (1996)

Em Portugal, assinaria, em 1966, o projecto do complexo do Casino Park Hotel, no Funchal (hoje Pestana Carlton Park Hotel). O Plano de Urbanização do Algarve (desse ano) e a sede da Fundação Luso-Brasileira para o Desenvolvimento do Mundo da Língua Portuguesa, em Lisboa (de 1993) não passaram de projectos. Regressado ao Rio no final dos anos 60, o arquitecto brasileiro que mais prémios recebeu (Lenine da Paz, Instituto Americano de Arquitectura, Pritzker, Príncipe das Astúrias, Legião de Honra de França ou Leão de Ouro de Veneza) não parou de trabalhar. E de «protestar». Tem quatro netos, 11 bisnetos e três trinetsos.